

Claude Monet, O Passeio sobre a Falésia, Pourville, 1882.



A educação dos sentidos

Na década de cinquenta do século passado o Dr. J. Willis Hurst, professor de Medicina e Cardiologia na Emory University, Atlanta, Geórgia, USA – e famoso em todo o mundo mercê seus livros-textos de Cardiologia e Medicina Interna –, levou a cabo um experimento clínico. Reuniu 100 estudantes do segundo ano médico e colocou à sua frente um paciente com “Osteogênese Imperfeita”. O exercício constava que cada um passasse à frente do paciente e o observasse atentamente. Apesar de já terem visto milhares de olhos, só um, apenas um, notou suas escleras azuis. Uma demonstração de que não basta ver, é necessário um ver treinado, que se transforma em observa-

ção. Um dos sentidos mais importantes para o humano, só bem treinado se completa. Ou seja, precisamos educá-lo, tal qual os outros.

Ludwing van Beethoven (1770-1827) teve ouvidos excepcionais. O chamado ouvido musical. E excepcionalmente os perdeu, tendo que compor uma parte de sua obra já surdo. Educou seu “ouvido interno” graças ao domínio igualmente excepcional da técnica de solfejo que lhe permitia imaginar as notas que ia grafando, sem precisar ouvi-las. Assim compôs a *Nona Sinfonia*, inclusive apondo um coro, algo inédito em sinfonias. E assim compôs muitas sonatas e quartetos. Passou do sentido da audição à imaginação,

"EDUCAR OS SENTIDOS É INTROJETÁ-LOS DE PRAZER, NA OBSERVAÇÃO, NO ESTUDO, NA NECESSIDADE DE RESTAURAR O OUTRO E LHE PROVER O PRAZER POSSÍVEL, APESAR DOS DESCONTOS DAS LESÕES, POIS SEMPRE HÁ UM POUCO DE BEETHOVEN DENTRO DE TODOS NÓS."

igualmente gênio. Não manteria a genialidade se muito não houvesse treinado, a ponto de substituir um sentido por outro mais etéreo, inefável, trocando uma genialidade por outra. O que houve, por fim, atrás disso? Disciplina e esforço. Ou numa completude memorável em um poema de Augusto dos Anjos, *A Ideia*, psicogenética e alta luta. Isso fez com que Beethoven, apesar da surdez, conduzisse a transição do classicismo ao romantismo musical, e ousasse como poucos em harmonia e melodias.

Hoje podemos treinar audição na ausculta e comprová-la. Não existem mais os "ouvidinhos de ouro" de antanho a ouvirem todos os ritmos descritos e a cirurgia a desmenti-los. Hoje o saber é pré-cirúrgico. Treinamento justo tem que vir aliado à comprovação. De outra maneira, observação, correlação e comprovação. E o mais espetacular é que tudo também pode ser treinado fora do escopo médico. Observando uma paisagem, uma tela, uma escultura, ou grande ator. Ou um canastrão, para ver a diferença, basta observar a propaganda da Fiat, do alto e do baixo, com o Dustin Hoffman. Ouvindo música ou um grande pregador de ideias. Sentindo o corpo da amada, ou as diferentes texturas que palpamos. E, principalmente, saber a diferença entre palpar e apalpar, em função de um interdito ético. Treinando o olfato num Mercado Municipal com sua explosão de diferenciados odores e adaptá-los ou confrontá-los com as excrecências humanas. E treinar o gosto no sabor dos alimentos, e do vinho, que alimento é, não no Brasil. Vide a diferença de impostos.

Claro que você, amigo leitor, não precisa ser um Robert Parker, grande escanção, gênio da percepção gustativa, a ponto de, do alto de sua autoridade consentida, dizer que não há correlação entre os sabo-

res das comidas e dos vinhos; quer dizer, impossível harmonizá-los. Se sentiram felizes? Simples mortais? À parte polêmicas do tipo, o fato é que, mesmo um Parker, só treinando em torno de cem vinhos diferentes por semana alcançou o atual estádio. Provar e cuspir, é seu treinamento; e a disciplina do cérebro a sentir sem embotá-lo.

De tudo o que foi escrito fica patente que os sentidos nos integram ao mundo. E que nós médicos precisamos deles, "in totum", mais do que outros profissionais. Pois só assim podemos integrar o humano. A tecnologia, extremamente útil e necessária, apenas os amplia, não os substitui. Ao ampliá-los, principalmente a visão, objetiva mais claramente nosso conhecimento. E só com a totalização e integração de nossos sentidos podemos dar guarida a origem de "sapientia", que tanto sugere saber quanto sabor. E exercer, portanto, ciência com gosto. Degustar o saber. Pois não existe prazer verdadeiramente pleno sem a educação dos sentidos. O fisiológico e o patológico expandidos pela imaginação, a arte da ciência.

Educar os sentidos é introjetá-los de prazer, na observação, no estudo, na necessidade de restaurar o outro e lhe prover o prazer possível, apesar dos descontos das lesões, pois sempre há um pouco de Beethoven dentro de todos nós. Em algum de nossos sentidos. E a disciplina e o esforço, a alta luta, é que faz a integração, sem o que não há educação perfeita. Não colocamos para fora o que introjetamos de mais nobre.

E, se você caro leitor, quiser bordejar a perfeição, terá necessariamente que desenvolver a intuição, que é o prazer do conhecimento em sua ausência. O pensamento genuíno, embora gestado em toda sua vivência. Sem o que, não existe completude. **❶**